

Desfazimentos e omissão

» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Com autoridade de ministra do Meio Ambiente e símbolo mundial na defesa da natureza e do desenvolvimento sustentável, Marina Silva disse que até o final deste século o Pantanal poderá deixar de existir. A responsabilidade por esse desfazimento não é apenas do Brasil: a crise ambiental é resultado de dois séculos, sobretudo sete décadas, de progresso mundial baseado na produção e consumo desenfiados.

Mas a responsabilidade do Brasil é especial, por termos uma das maiores economias, sermos o maior destruidor de florestas e não usarmos com seriedade nossa força política para defesa e exemplo de desenvolvimento sustentável. Apesar da ECO-92, Rio+20, da COP30, do Proálcool nos anos 1970 e do recente esforço na área de energia solar e eólica, o desfazimento que a ministra denuncia para o Pantanal pode ser percebido também para as demais florestas, inclusive a Amazônica, para os rios e as cidades. No mesmo ano em que organizamos a realização da COP30, comemoramos o aumento na produção de petróleo e estamos caminhando para autorizar sua exploração no mar a pouca distância da foz do Rio Amazonas e da cidade onde essa reunião ocorrerá. A destruição de nosso patrimônio natural é apenas uma mostra dos significativos desfazimentos que ocorrem no Brasil.

A violência urbana mostra o desfazimento do tecido social corrompido pela insegurança que caracteriza a sociedade brasileira, cercada e assustada, ameaçada por balas perdidas, assaltos e altíssimos índices de assassinatos; suas crianças impedidas de ir à escola enquanto bandidos e policiais não adotam trégua entre eles. A desconfiança e o medo são provas do desfazimento da convivialidade em cidades partidas por apartação social, com parcela presa em condomínios e parte jogada em calçadas.

A prática política é demonstração e causa de desfazimento pela corrupção generalizada, gigantescos saques e assaltos dos recursos do povo, apropriados ou roubados sob o título de emendas parlamentares enormes e sem destinação de interesse público, e pela perda de credibilidade e legitimidade na democracia usada para atender aos interesses dos políticos e dos partidos enredados no individualismo, imediatismo, eleitoralismo, sem causas e sem propósitos. O Brasil também se desfaz pela instabilidade das regras e da prática do



sistema jurídico, movido muitas vezes por razões políticas, não por justiça. A união da corrupção política com a instabilidade jurídica leva ao desfazimento da democracia.

A impunidade, como o crime é tratado, especialmente, o roubo chamado de corrupção, contribui para desfazer o Brasil. Sobre tudo quando se percebe a força das milícias e do crime organizado, em cidades e regiões como a Amazônia. O crescimento da dependência das drogas e a ocupação de cidades por cracolândias demonstram um desfazimento do Brasil. No lugar de reduzir a impunidade, a prisão de quase um milhão de criminosos em condições desumanas, a maioria negros, pobres e analfabetos, aumenta o sentimento de desfazimento. Igualmente indicadores são os milhões de jovens que resistem e não caem na tentação da droga, para o consumo ou o tráfico, mas sobrevivem sem escola e sem emprego, sem sonhos e sem perspectivas. Muitos deles sonhando apenas em emigrar para fugir pessoalmente do desfazimento.

O maior exemplo do desfazimento nacional está na permanência da pobreza e da

desigualdade social, que assumem o atual quadro de apartação, com a população tão dividida e segregada em condomínios ou favelas que a ideia de nação parece extemporânea. De tão antigo, esse desfazimento social decorre sobretudo da omissão ao longo de décadas ignorando a necessidade de um sistema nacional robusto de educação de base para todos, independentemente da renda ou do endereço da família. Incinerando patrimônio maior do que o Pantanal: o potencial dos cérebros das crianças deixadas sem a educação de base, despreparadas para a busca da felicidade pessoal e para a construção do progresso econômico, com justiça social e equilíbrio ecológico.

A ministra símbolo mundial da ecologia nos alertou para o caso do Pantanal, mas não deve ficar omissa diante dos muitos outros incêndios que desfazem o Brasil em outros setores, especialmente o maior deles: o desprezo pela educação de base. O Brasil precisa enfrentar e punir os que fazem incêndios de florestas, mas também os que ficam omissos diante do descuido com a educação de qualidade para nossas crianças.

Não há Cerrado sem água

Reuber Albuquerque Brandão
Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília, membro da Rede Biota Cerrado e da Rede de Especialista em Conservação da Natureza da Fundação Grupo O Boticário

Quando falamos sobre “biomas” estamos nos referindo a um espaço biofísico específico. Imagine que cada estação climática no planeta seja posicionada em um gráfico onde os eixos são a temperatura anual média e a pluviosidade anual média. Independentemente se a estação meteorológica está em Manaus ou no Congo, seus dados irão posicionar essas estações muito proximamente. O mesmo ocorrerá com as estações localizadas em savanas da África, da Austrália ou mesmo do Brasil Central. As savanas vão se agrupar nesse gráfico justamente porque existe um espaço climático que caracteriza as savanas.

Mas uma coisa interessante sobre o Cerrado resta claro quando comparamos os seus dados climáticos com aqueles gerados na África ou na Austrália. O Cerrado se destaca por ser a savana mais quente e chuvosa do mundo. Nenhuma outra savana do mundo tem temperaturas tão amenas no inverno e tanta água caindo no solo com a chegada da estação chuvosa. Apesar de fortemente concentrada em poucos meses, a pluviosidade do Cerrado se compara à pluviosidade observada em regiões do leste da Amazônia (onde a chuva é mais bem distribuída ao longo do ano).

Devido a essa notável pluviosidade, há autores que se referem ao Cerrado como uma savana úmida hipsazonal. De fato, há (ou ao menos, havia) muita água nas paisagens do Cerrado. É justamente essa água que mantém o vigor das grandes árvores dos cerrados, a beleza das longas veredas e seus majestosos buritis, o mistério das matas paludosas e o verdor das matas de galeria. Cada flor e fruto do Cerrado estão repletos de água. É também essa quantidade de água que explica a notável diversidade de fauna do Cerrado, incluindo muitos animais sensíveis à sua ausência, como anfíbios. Há mais anfíbios

na Chapada dos Veadeiros que em toda a Europa, por exemplo.

No entanto, de forma pouco intuitiva, muita gente ainda pensa no Cerrado como um ambiente árido, com a repetição de pensamentos ultrapassados de “paisagem monótona de árvores tortuosas e secas”. Há muita água no Cerrado. Nos rios, nas nascentes, nas veredas, nos aqüíferos. E, justamente devido a essa pluviosidade e à água carinhosamente acumulada no solo, que o Cerrado é conhecido como “berço das águas” do Brasil. Muitos pensam que represas são os mais importantes reservatórios de água, mas a verdade é que o grande depósito de água do Cerrado é o solo. Cada gota de água que cai do céu escorre ao longo das plantas e penetra no chão através da rede de profundas raízes que caracteriza a “floresta invertida” do Cerrado. E essa água ocupa os espaços existentes entre as partículas do solo, formando os aqüíferos que alimentam nascentes, córregos, veredas e rios. O solo absorve e aconchega a água.

Mas essa água, os solos profundos, os terrenos antigos e de relevo suave, permitiram, após ajustes necessários, o desenvolvimento assombroso do agronegócio no Cerrado. E não há produção sem água. Muita água. Um pivô central de irrigação, com lança de 150 metros, formando um círculo aproximado de 70 hectares, plantado com oleaginosa anual, consome por ano o mesmo que 4 mil famílias. Cada pivô central consome mais água que uma superquadra de Brasília ou uma pequena cidade. Há 6.700 pivôs centrais no Cerrado hoje. E o número está aumentando.

A demanda de água para a produção agrícola, associada à notável diminuição da pluviosidade e aumento da temperatura decorrentes das mudanças climáticas contemporâneas, têm reduzido fortemente a quantidade de água

no Cerrado, com impactos claros na vazão dos cursos de água. Essa redução da força dos rios acaba reduzindo também a capacidade de geração de energia das hidroelétricas, tornando a energia mais cara.

No entanto, mais do que isso, há notável diminuição da chamada superfície de água no Cerrado. Estima-se que o Cerrado perdeu mais da metade da superfície de água (lagos, rios, veredas) nos últimos 65 anos. A estação de chuvas diminuiu também, e a tendência é que menos água haverá no futuro. Já se passaram uns 30 anos desde quando comecei a estudar anfíbios no Cerrado. Tenho anotações em minhas cadernetas de campo com cores de umas 20 espécies de sapos em plena atividade em fins de setembro, em brejos que não existem mais. Vi lagoas, veredas, poças, nascentes desaparecerem nesses poucos anos percorrendo diferentes regiões do Cerrado. Vi ecossistemas que meus filhos jamais verão.

Hoje, 11 de setembro, Dia do Cerrado, observo um opressivo céu cor de chumbo. Fuligem cai como flocos de neve do apocalipse. Há fogo e fumaça. Na garganta há engasgos, mas olhos secos não permitem mais a umidade. Falam de fogo. Mas não é fogo que define o Cerrado, mas a água. Onde está a água?

Pensando novamente na distribuição dos biomas da terra em relação à temperatura e à pluviosidade das estações climáticas, lembro que há claros limites biofísicos para a existência da vegetação do nosso planeta. Lembro que desertos (e não savanas) ocupam as porções continentais interiores e na mesma latitude do Cerrado em outras partes do mundo. Lembro que a água da Amazônia, também em chamas, não viaja mais em rios voadores, agora transformados em rios de fumaça. O que aguarda o Cerrado depois da próxima curva.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A verdade do poder

Não se sabe ao certo se o que disse Immanuel Kant (1724-1804) em relação à ética foi pensado nos acontecimentos passados que levaram à condenação de Sócrates (século.V a.C), na Grécia Antiga, quando afirmou: “Vive tua vida como se cada uma das suas ações fossem se converter em lei universal”. De certa forma essa parece ter sido a vida de Sócrates, cujo único delito cometido contra o Estado Ateniense foi o de ter despertado na juventude o interesse pela filosofia, ou, mais precisamente, pela busca da verdade, como caminho a ser trilhado ao longo da vida. Em suma, foi acusado de fazer os indivíduos pensarem, o que para os tribunais do Estado se caracterizou como um ato de perverter a juventude, levando-a a questionar os dogmas políticos impostos àquela população.

Na famosa “Apologia de Sócrates”, escrito por Platão (séc. V a.C), os diálogos que se seguem dão a entender todo o desenrolar dessa trama histórica, que o levaria a condenação à morte pelo simples delito de filosofar. Na avaliação de Platão, Sócrates havia, de certa forma, sucumbido à força esmagadora representada pelo discurso político do Estado, sobretudo porque estava convicto, até o fim de sua existência, de que o raciocínio filosófico era superior a todo e qualquer discurso político imposto pela justiça estatal.

Nessas Apologias, por exemplo, Sócrates indaga seu ouvinte, questionando o que ele acredita ser a justiça. Seu interlocutor responde então que a justiça era simplesmente o que os mandatários querem que seja feito. Sócrates então rebate: e se eles mandarem você, por exemplo, matar sua mãe? Isso será justo? Seu aluno então responde: Não. Então, diz o filósofo, o que é a justiça? Qual o seu sentido final? O que Sócrates estava fazendo nesses diálogos pedagógicos (maiêutica) era extrair de seus alunos uma sabedoria ou um conhecimento que, segundo acreditava, eles carregam consigo, mas que está como que adormecido. Esses seriam conhecimentos ou luzes naturais que todos possuem.

Nenhuma autoridade, segundo o filósofo, pode nos dizer o que é justo ou injusto, se isso está em desacordo com nossas luzes naturais. Portanto, existe uma verdade na realidade e, basicamente, é isso que a filosofia busca conhecer. Todo esse aprendizado serviria como herança para o mundo ocidental, influenciando o pensamento e a filosofia dessa parte do globo até aos dias de hoje.

Dando um salto no tempo, temos o que hoje pode ser definido como um embate entre o poder da verdade vis a vis a verdade do poder. Mas, modernamente, temos a mesma discussão, representada agora pela força do direito versus o direito da força.

Para pôr ordem na casa, no caso aqui, o Estado, a Constituição e o que nela está determinado é que a justiça é uma garantia fundamental com valor digno e ético. Ulysses Guimarães, ao denominar a Carta de 1988 como uma Constituição Cidadã, queria afirmar que esse conjunto de leis maiores tinha essa marca impressa por garantir amplos direitos ao cidadão, com liberdades civis, promovendo sua inclusão e assegurando assim o Estado Democrático de Direito.

O artigo 5º da Constituição é claríssimo e deveria ser fixado em todos os lugares públicos deste país, como um libelo à liberdade e à cidadania. Assim, temos que a justiça, a partir de Sócrates, não é o que as elites no poder determinam, mas, sobretudo, aquilo que advém de uma verdade superior, muito além do poder. Dentro da doutrina cristã, diríamos, de modo sucinto, que a justiça vem de Deus e não de César. Condenado à morte em 399 a.C, Sócrates preferiu essa sentença àquela de exilar-se do país, pois sabia que com o deserto teria que ser obrigado a conviver com juízes injustos e com um modelo de Estado que não respeitava a liberdade individual de pensamento.

Para Sócrates, só existia um bem: o conhecimento. Para ele, também só existia um mal: a ignorância. “Por conseguinte, se alguém declara que a justiça significa restituir a cada um o que lhe é devido e, por isso, entende-se que o homem justo deve prejudicar os inimigos e ajudar os amigos, não é sábio quem expõe tais ideias. Pois a verdade é outra: não é lícito fazer mal a ninguém em nenhuma ocasião.”

»A frase que foi pronunciada:

“Nem todas as verdades são para todos os ouvidos.”

Umberto Eco

Inclusão

» Realmente o senador Romário leva a sério o respeito às dificuldades de pessoas portadoras de deficiência. O cartão de visita do senador é visível aos que veem e aos que usam braille para ler.

» História de Brasília

Já que o assunto é supermercado, eles estão vendendo cerveja mais cara que nos botecoins, o que não é normal. E outra coisa: o mesmo produto, na mesma gôndola, apresenta preços diferentes. Isto foi constatado no UV-2. (Publicada em 17/4/1962)